

Editorial do v. 9, n. 2 (2021) da revista 9ª Arte



10.11606/2316-9877.2021.v9i2.194075

Tempos difíceis estes que vivemos. Mais uma vez temos a tentação de lembrar das palavras de Charles Dickens no início de *Um conto de duas cidades*, mas já as utilizamos em editorial anterior desta revista e por isso não nos vamos repetir. Mas que os tempos são duros, isso são. Há dois anos, quando os efeitos da pandemia de Covid recém começavam a se fazer sentir, pensávamos que passariam logo e que em pouco tempo – no máximo alguns meses ou um ano – estaríamos novamente de volta à normalidade. Vã ilusão. Ainda que as coisas tenham aparentemente melhorado um pouco, que os fantasmas de hospitais lotados ou falta de leitos hospitalares pareçam um pesadelo longínquo e que grande parte da população brasileira esteja totalmente imunizada, seria prematuro afirmar que já estamos vivendo aquilo que antigamente considerávamos “uma vida normal”. Não estamos. Infelizmente, os últimos meses de 2021 evidenciaram o aparecimento de nova cepa da pandemia, que ampliou consideravelmente o número de afetados (embora não, felizmente, o índice de casos mais graves da doença). Assim, mais uma vez presenciamos a reversão de expectativas e descobrimos que as previsões otimistas de meados de 2021 se mostraram precipitadas. Pena que os cientistas não sejam adivinhos e nem os especialistas em pandemia possam predizer o futuro. A vida é assim, muitas vezes: inexplicável. Não funciona com a precisão de um relógio. Ou, como dizia o poeta Fernando Pessoa, como a arte da navegação.

Apesar de tudo isso, estamos hoje colocando no ar mais um número da revista *9ª Arte*, publicação científica do Observatório de Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. No entanto, não podemos cerrar os olhos quanto ao fato de que com ele completamos o volume 9, originalmente previsto para ser disponibilizado em 2020, mas que se transforma em realidade apenas no final de 2021. Ou seja: a revista sofreu um atraso significativo. Ainda assim, consideramos que o lançamento deste número do periódico pode ser considerado um ato de vitória frente às dificuldades vividas. Precisamos confessar: chegamos perto, muito perto de desistir. A

preparação de uma publicação científica regular apresenta dificuldades que foram apenas ampliadas com o período de afastamento forçado que todos vivemos. Com ele vieram a diminuição no fluxo de artigos, as dificuldades de resposta, as demoras para realização dos processos de avaliação, as desistências de alguns autores ante a lentidão na publicação de seus trabalhos, e – por que não reconhecer? –, nossas próprias limitações e desânimos pessoais. Todos esses fatores contribuíram para que os prazos se perdessem e os atrasos se acumulassem, gerando frustração para os autores, ansiedade para os leitores e constrangimento para os responsáveis pela revista. De nossa parte, nada nos resta a fazer a não ser pedir desculpas por nossas falhas e esperar a compreensão de todos.

Mas também temos boas notícias: as coisas vão mudar por aqui! E, esperamos, para melhor.

A partir do volume 10, de 2022, a revista *9ª Arte* passa a ser publicada em fluxo contínuo. O que isso significa? Basicamente que, a partir do próximo volume, não precisaremos mais completar o número de artigos necessários para compor um fascículo da revista para daí encaminhá-los ao processo final de editoração. Essa sistemática, adotada até o momento, muitas vezes faz com que um artigo passe pelo processo de avaliação pelos pares, seja preparado para publicação e depois fique vários meses “à espera” de que o número esteja completo, para, somente então, ser disponibilizado para leitura. Às vezes, isso pode demorar meses (ou, em casos extraordinários como o que vivemos recentemente, mais de um ano). Com o modelo do fluxo contínuo, cada artigo passa pelo processo de avaliação e revisão e, uma vez aprovado para publicação, é logo disponibilizado para leitura dos interessados, sem necessitar esperar que o número esteja completo. Com isso, ganha-se em agilidade na publicação dos textos, ao mesmo tempo em que o trabalho de preparação da revista é distribuído de forma mais harmoniosa ao longo do tempo, diminuindo a carga de editores, revisores e diagramadores. Tudo nos parece indicar que esta é uma modificação promissora e necessária, possibilitando que a revista, por meio dos artigos individuais, esteja mais presente no cotidiano dos pesquisadores e apreciadores de histórias em quadrinhos. De nossa parte, pretendemos fazer o melhor possível para que tal ocorra.

Indo agora ao conteúdo do presente número da revista, temos a satisfação de afirmar que conseguimos apresentar uma seleção bastante significativa de textos científicos, abordando vários aspectos das histórias em quadrinhos (como diria o célebre detetive inglês Sherlock Holmes, não nos alinhamos com aqueles que consideram a modéstia uma virtude...).

Abre o número o nosso artigo internacional, que desta vez apresenta uma diferença em relação às edições anteriores da revista. Ao invés de um artigo de pesquisador da área, incluímos um texto de um autor e crítico de quadrinhos, o cubano Francisco Blanco, falecido em 2021. Com intensa atuação na produção de quadrinhos humorísticos e charges durante mais de cinquenta anos, Blanco também realizou uma constante reflexão sobre sua arte, em várias ocasiões elaborando artigos opinativos e críticos sobre quadrinhos, que publicou em jornais de seu país e do exterior. O texto que publicamos neste número traz a reflexão do autor sobre a utilização da paródia nas histórias em quadrinhos, demonstrando seu compromisso com a arte que abraçou como profissão.

Dos artigos de pesquisadores nacionais, temos uma discussão bastante interessante realizada por André Luis Soares Smarra e César Augusto Lotufo, ambos da Universidade Estácio de Sá, Luciano Filizola da Silva, do Centro Universitário Augusto Mota, e Nataniel dos Santos Gomes, da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, em que os quatro pesquisadores defendem o pioneirismo do autor ítalo-brasileiro Angelo Agostini e de seu personagem Nhô Quim, publicado originalmente em 1869, como produto característico do gênero narrativo da história em quadrinhos.

Também sobre a produção nacional de arte gráfica versa o artigo de Rozinaldo Antônio Miani e Bruna Miyuki Enomoto Akamatsu, da Universidade Estadual de Londrina, mas com seu foco de atenção em trabalhos muito mais recentes, aparecidos no formato de charge durante o governo do Presidente Lula (2003 a 2010) e enfocando uma questão específica, o PAC - Programa de Aceleração do Crescimento. Fruto de uma pesquisa de iniciação científica, o artigo defende que as charges constituem “valioso material para o entendimento da história brasileira” e que a interpretação daquelas que discutiram o PAC, uma das medidas mais controversas do governo Lula, pode levar a uma rica interpretação desse período.

Dois artigos deste número apresentam uma abordagem, digamos assim, mais filosófica das histórias em quadrinhos. Heraldo Aparecido Silva e John (Jéssica) Agne Campelo Nunes, da Universidade Federal do Piauí, utilizam as contribuições teóricas do filósofo pragmatista Richard Rorty sobre os gêneros narrativos para analisar as webcomics *Zen Pencils*. Por sua vez, Gilvan Charles Cerqueira Araújo, professor da Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal e pós-doutorando em Geografia na Universidade de São Paulo, aplica os conceitos os conceitos de Dasein (presença), Ma (espaço/tempo) e Imagem-Texto na obra *Un peu de bois et d'acier* (Um pedaço de madeira e aço), de Christophe Chabouté.

No campo dos Estudos da Linguagem situa-se o artigo elaborado por Kennedy Cabral Nobre e Celeste Cristina Andrade Delfino, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) que busca analisar como a obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo, publicada originalmente em 1855, foi parafraseada nas adaptações em histórias em quadrinhos de Reinaldo Seriacopi e Carlos Patati. Para tanto, utilizam as perspectivas teóricas da estudiosa francesa Catherine Fuchs, realizando uma abordagem tanto quantitativa quanto qualitativa.

O último artigo da revista, por sua vez, privilegia uma abordagem das histórias em quadrinhos sob o viés da pedagogia. Nele, Gabriel Valladares Giesta, Professor de Ensino Médio no Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, enfatiza os desafios na construção de uma escola que contemple a Educação Especial e Inclusiva e propõe as histórias em quadrinhos como uma alternativa para tal vencer esses desafios. Enfocando especificamente os estudantes com transtorno do espectro autista (TEA), apresenta uma revisão bibliográfica e de dados sobre educação inclusiva e reflete acerca de possibilidades de aplicações dos quadrinhos na educação desse público.

Fecham este número da revista duas resenhas. A primeira, de Muriel Emídio Pessoal do Amaral, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, enfoca a biografia da filósofa política alemã Hannah Arendt em quadrinhos, realizada pelo artista estadunidense Ken Krimstein, enquanto a segunda, de Nobu Chinen, pesquisador do Observatório de Histórias em Quadrinhos e membro da equipe da revista *9ª Arte*, trata de uma obra teórica sobre elaboração de críticas de histórias em quadrinhos. Ambas as obras resenhadas têm características que

recomendam sua leitura, seja para aqueles que apreciam a obra da autora de *A condição humana* e tantos outros livros instigantes, como para aqueles que desejam conhecer melhor – e talvez desenvolver seus talentos para -, o mundo da crítica quadrinística.

Como editores da revista *9ª Arte*, entendemos que este número coloca em mãos de pesquisadores e interessados em histórias em quadrinhos uma variedade de textos científicos que merecem a sua atenção. E esperamos, também, que possam oferecer contribuições valiosas aos estudos na área e despertar nos leitores ideias, projetos e inquietações positivas. Precisamos todos desse tipo de motivação. Por menos que seja, para enfrentar os tempos difíceis que podemos ainda ter pela frente.

Waldomiro Vergueiro

Roberto Elísio dos Santos